

# A TRISTE E MILAGROSA HISTÓRIA DE MARIA ALEGRE

LARA THERESA MEDEIROS COSTA NOGUEIRA MARQUES

Submetido em 07/12/2021  
Aprovado em 31/01/2022

Ouçã no spotify



*Você nasceu no pé da serra.*

Era talvez uma das primeiras frases que as crianças patuenses escutavam.

Volumosa. Robusta. E orgulhosa. Aquela vulcânica rocha era a referência natalícia de todos os moradores do pequeno vilarejo de Patu.

Quiçá um estudo mais aprofundado em seus DNAs, poderia comprovar que, escondido entre um gene e outro, reside uma forte genética tendenciosa ao concreto, ao calor e à firmeza daquela serra. Talvez entre uma espiral e outra de material genético, encontrássemos resquícios de poeira até.

Fato é que a mística serra testemunhou amores e violências, despedidas para nunca mais e reencontros clandestinos. Sabia de cor cada um dos habitantes de Patu: desde as putas baratas aos assassinos de aluguel caçados pelas patrulhas policiais, desde as moças que se matavam por um amor não correspondido aos padres que escondiam procurados políticos da capital. Sabia também dos trabalhadores comuns, aqueles de mãos marcadas pela enxada e peles beijadas pelo sol, para os quais pouca diferença fazia entre uma segunda feira ou domingo. Seus dias eram iguais, resumiam-se ao trabalho nos seus humildes roçados. Estes não tinham nenhuma história particularmente especial, e por um triz, quase seriam ninguém, senão tivessem a dádiva de terem nascido no pé de uma serra.

Aquela peculiar comunidade que brotou no sertão do Rio Grande do Norte, carregava nas entranhas de seus cidadãos as pedras daquela serra.

Reza a lenda que os antigos povos Cariri que povoaram a região, seus verdadeiros donos, bem antes dos invasores europeus, cultuavam a serra em fervorosa devoção. A chuva que não vinha. O irmão que estava adoecido. Tudo se pedia à serra, a qual em resposta, enviava estrondosos trovões.

Não à toa o vilarejo surgido cunhou-se o nome de Patu - do *tupi*, serra do estrondo.

Os ciganos que vez ou outra apareciam próximo às festividades da padroeira da cidade, tinham tanta curiosidade quanto temor por aquele ente pedregoso. Chegavam em grupos de vinte a trinta pessoas, com jumentos abarrotados de panelas, sacolas e mesas. Crianças, homens, mulheres e velhos juntavam-se na praça central para de dia realizar seus negócios e à noite começarem seus círculos de dança e cantoria.

Até quem não simpatizava com eles admitia que aquelas figuras traziam um colorido diferente à cidade: as saias bordadas em lilás, laranja e amarelo, calças com lantejoulas e pulseiras sem fim chamavam a atenção. Já era tradição todo ano trazerem uma nova profecia sobre a serra:

– Um dia, comentavam, o mar há de cobrir essas terras tudinho. Esse sertão vai ser engolido. Da serra vai sobrar só o pico como uma ilha a deriva. Pode ver as cartas, está tudo lá! Escutavam os curiosos em círculo.

No ano passado, haviam previsto que a serra se elevaria como um majestoso Olimpo flutuante, levaria os patuenses a morar nas nuvens, que ofereceriam cocada, cuscuz e rapadura aos querubins. Adeus, enxadas! Adeus, fome! Adeus, coronéis! Patu se tornaria uma cidade etérea, uma Atlântida nordestina ao avesso, e com o tempo, até os bebezinhos nasceriam com asas.

Dona Maria Alegre nunca se deixou engabelar pelas tolices desse povo cigano. Eram uns fanfarrões, pensava. Ler mãos para cá, jogar cartas para lá e, ao final, extorquir alguns trocados dos tolos que se deixavam levar por suas conversas. Ah, com ela não!

Aliás, não só os pobres ciganos eram um de seus alvos de ataque favoritos, mas também a pouca vergonha das mocinhas que se deixavam bulir antes de se casar. Sem esquecer a Dona Mirtes que depois de viúva deu para sem vergonhice e cada semana aparecia com um homem diferente. Tem também o filho da Zenaide, santa lavadeira, que foi pego roubando uma ovelha do Coronel Silva e só não morreu pelos capangas do velho, graças á interseção daquele advogadinho defensor de bandidos Francisco de Chicó.

Ninguém escapava dos comentários ferinos de Dona Maria Alegre.

Talvez por não ser notada por ninguém, Dona Maria Alegre especializou-se

em notar os outros. Esquecia-se, porém, de notar as boas práticas, as coisas belas e ternas. Notava as agruras, as sem vergonhices e imoralidades, a seu ver.

Curioso o cinismo da linguagem que lhe reservou no mundo o nome Maria Alegre. No mínimo, era irônico. Mais apropriado seria Maria das Dores, ou ainda, Maria do Socorro, quem sabe. Tragicamente, Dona Maria alegre nunca sorria. Foi ensinada pela falecida tia que moças não deviam sorrir ou mostrar os dentes: no máximo, uma pequena curvatura nos cantos da boca, num tímido ângulo agudo.

Dona Maria Alegre nunca se casou. Quando alguém perguntava por ela, esta era a primeira descrição que surgia: é uma moça-velha, uma solteirona, vive só!

Em parte, era verdade: não há notícias de que homem algum tenha surgido em sua vida. Não teve filhos. Beirava os sessenta. Enfrentava a velhice sem qualquer companhia. Sua rotina era quase sempre dentro de casa: seu universo particular.

Acordava pontualmente as 05:30 da manhã, se aseava e vestia uma de suas saias pretas longuíssimas. Não havia quem a fizesse vestir outra coisa. Devidamente vestida, sentava-se na penteadeira da falecida tia e arrumava as desgrenhadas madeixas grisalhas em um coque, altíssimo no topo da cabeça, que a fazia muito mais alta do que já era.

Se Tia Celine fosse viva e flagrasse a sobrinha mexendo em sua penteadeira, era um sermão sem fim, lembrava-se Maria Alegre.

– Seus pais te mimaram demais, menina! Por isso que é assim, buliçosa, entrona, mal-educada. Costumava falar asperamente, Tia Celine: – Ou muda esse seu jeitinho oferecido ou nunca vai se casar, está me ouvindo?! Agora, já para roça ajudar os trabalhadores a colher algodão! Anda! Só isso para ocupar essa sua mentezinha vazia...

A velha morrera há uns 15 anos, aparentemente engasgada com um osso de galinha, preparada pela sobrinha na véspera de Natal. Antes do último suspiro, contudo, ainda conseguiu gritar em alto e bom som:

– Mariaaaa, sua cretina, você me paga!

Era tarde demais. *Buuuum*. Só se ouviu o estrondo no chão, quando Tia

Celine, roxa dos pés à cabeça, caiu da cadeira, já sem vida. Ali findava o reinado de sua austera tia que jamais perdoou sua irmã e seu marido vagabundo por terem morrido e deixado aquela órfã a seus cuidados. Tia Celina, é bom que se diga, jamais aprendeu a cuidar ou amar, ao contrário a ela só cabia ser cuidada e amada, o que em seu imaginário, significava ser servida.

Vinda de uma família rica, a mãe de Maria Alegre, Beatriz, foi praticamente expulsa da família – e de suas riquezas – quando, a despeito das oposições dos seus pais, Dona Amélia e Seu Joaquim, bateu o pé no chão de que iria se casar com Antônio, um poeta pé rapado.

– Esse seu casinho não vai durar 02 meses, Beatriz! Pense bem: se decidir levar a cabo esse casamento nunca mais pense em pôr os pés nessa casa! Vociferou Seu Joaquim, que acreditava plenamente que seus gritos pudessem aplacar a convicção da filha.

Dona Amélia, um pouco mais branda, alertava chorando:

– Esse Antônio, sei lá das quantas, jamais vai conseguir te dar o conforto que te damos, minha filha! Ele vai te levar para sarjeta. Use a cabeça! Ninguém vive de amor embaixo de ponte! Já não temos mais idade para sofrer com essas coisas, Beatriz. Pelo amor de Deus. Conselho de pai e mãe não se ignora: está na bíblia!

Nenhuma das novenas de Dona Amélia foram suficientes para conter um coração apaixonado e, há quem diga, que por uma boa história de amor, até os santos, vez por outra, são autorizados a ignorar certas preces, por entenderem que nada há de mais divino que a vontade de amar.

...

Perdoem os leitores, mas é preciso fazer uma singela retificação sobre Dona Maria Alegre: era solteirona? Sim. Sozinha? Não.

Tudo começou quando sua tia ainda era viva. Nas raras oportunidades em que se desvinculava dos mandos e desmandos da velha, Maria ia até a feira comprar pequenos canarinhos. Comprava vários, de todas as cores. Eram baratinhos e en-

chiam os olhos de beleza. Guardava suas gaiolas no anexo da cozinha, já perto do quintal.

Conversava com eles todas as manhãs, cantava baixinho, comentava as novelas de rádio: *será que Angélica deveria dar uma segunda chance à Tarcísio? Será que Sofia vai descobrir que é a filha perdida do prefeito?* Às vezes, até falava de sua infância aos bichinhos. Olhava para eles e imaginava como seu pai, Antônio, os descreveria, como veria poesia em suas cores e arte em seu cantar.

Nos primeiros dias, Tia Celine nem notou os canários, mas quando as pobres criaturas começaram a cantar e a atazanar o sossego da velha que exigia a casa em completo silêncio durante o terço matinal, Dona Maria Alegre temeu pelo fim de seus passarinhos.

Dito e feito: quando saiu para deixar as roupas da semana na lavadeira Zenaide e voltou ao casarão, os passarinhos estavam caídos no jardim, duros feito pedra. Com os olhos marejados, levantou a cabeça e já percebeu o rebuliço dos gatos da vizinha no muro: todos de olhos nos pequeninos cadáveres.

Tia Celine envenenara os pobres canarinhos, dizendo que Deus era a voz do silêncio e que, certamente, aqueles bichinhos eram uma tentativa do Tinhoso de desconcentrá-la de suas orações matinais.

Ali, Maria revivia uma sensação já conhecida: a perplexidade de ver os seus sem vida. Ao longo dos anos, ela foi colecionando ausências: sua mãe, tão doce e amorosa, seu pai, homem carinhoso e terno, os amores não correspondidos da adolescência e agora os bichinhos.

O luto é ambíguo, sentia Maria Alegre. Essa falta presente. Essa impotência. A sensação de se afogar em pleno ar. Um buraco que se preenche de dor e saudade daquilo que se poderia ter vivido, mas não deu tempo. Nunca dá tempo. A raiva não é nem tanto da morte – esta tão julgada – mas sobretudo, da vida que, teimosa, escapuliu pelas mãos, derramou no chão e sempre deixa marcas difíceis de apagar.

Desde aquele dia, Maria Alegre prometeu a si mesma, que assim que pudesse, encheria a casa de pássaros.

Assim que Tia Celine bateu as botas, Dona Maria Alegre, agora herdeira e soberana da casa, criaria o que bem entendesse no lugar. Então, quando finalizado o enterro da tia, cujo público restringiu-se ao padre Zico e à odiada sobrinha, Dona Maria Alegre caminhou até a feira do centro à procura de seus canarinhos.

Chegando lá, Seu Tadeu foi logo dizendo que trazer canarinho para Patu estava dando muito prejuízo. Primeiro, porque muitos morriam no trajeto – eram criaturas delicadas. Segundo, pela questão financeira, o português estava ficando no prejuízo, já que o negócio da vez eram cachorros e havia pouquíssima procura por passarinhos.

Tão logo deu a notícia, o vendedor percebeu o desanimo nas feições de Dona Maria e, como se para plantar o mínimo de esperança e achar que fez algum bem pela coitada que acabara de perder a santa tia, disse que iria tentar trazer pombos para vender na feira na próxima semana. A depender da procura, prosseguiu, iria continuar trazendo os bichos, os quais resistiam melhor do que os canarinhos às longas horas no caminho.

Como que movido por uma estranha força, o rosto de Dona Maria Alegre subitamente se iluminou. Ela já estava planejando como adequaria o casarão aos pombos. Há muito o pequeno roçado donde antes plantava-se algodão, estava sem utilidade com o descaso da tia e sem o cuidado dos antigos funcionários. Hoje era terra imprestável. Manteria os pombos por ali. Poderia também deixar alguns em casa, se fosse o caso. Outros... Bem, pensaria melhor nisso quando tivesse os bichinhos em mãos.

Pois bem. Na semana seguinte, Seu Tadeu retornou com 15 pombos, todos prontamente adquiridos por Dona Maria Alegre, que parecia entrar e sair da feira como um fantasma, levando gaiolas e mais gaiolas para o casarão.

De longe, as pessoas só vislumbravam a sombra daquela mulher alta, da qual mal se via o rosto, senão apenas a silhueta de culotes, seios avantajados e o coque desgrenhado que andava sempre depressa carregando as benditas caixas cobertas por um pano branco – eram os pombos. Quando uma criança perguntava quem era, diziam – é Dona Maria Alegre, velha solteirona, não se meta não!

Sempre que espiava da janela a movimentação da feira quinzenal, Dona Maria Alegre procurava se certificar se Seu Tadeu trouxera mais pombos. Cliente fiel, ela engordou muito os bolsos do comerciante português que não entendia como em uma casa daquelas alguém pudesse criar tantos bichos. E mais, com suas asas íntegras, sem estarem cortadas, como nenhum deles escapava?!

Com quase 60 pombos andando livremente em casa, nunca mais Dona Maria Alegre ficou sozinha, o que não implica dizer que não fosse solitária. Por mais que ten-

tasse afogar a solidão com a presença dos bichos, que pareciam os verdadeiros donos do casarão, ela jamais espantou a ausência de afeto que diariamente a perseguia.

Aquela casa havia sido uma prisão por tantos anos, após a morte de seus pais, que por mais que essa dor não pudesse ser extinta, Maria Alegre sabia que, ao menos agora, conseguiria reparti-la com seres que também entendiam de prisões – seus pássaros.

Os bichos a seguiam como um ímã, por onde quer que fosse, iam. Até dormiam ao seu lado. Esperavam-na arrumar os cabelos, pousados na penteadeira. Ficavam na mesa, enquanto Dona Maria Alegre coava o café. E quando se sentava para ouvir as radionovelas ou, em segredo, apreciar os boleros de amor de Nelson Gonçalves, os pássaros repousavam nas redes da sala.

Com o tempo, as saídas de Dona Maria que nunca foram abundantes, se escassearam cada vez mais: temia que os pobres pombos a seguissem e se perdessem no caminho.

Quando se aproximava da porta, todos os pombos, em multidão, amontavam-se a seu lado, como filhos segurando a aba da saia de suas mães. Era um intenso farfalhar de asas, uma névoa branca e cinza de bichos. Ao sair, precisava fechar a porta com força colossal, caso contrário os pássaros eram capazes de arrombá-la.

Nenhum vizinho jamais viu a casa por dentro, mas, pelos muros do quintal, ouviam a barulheira dos bichanos e a curiosidade sobre a enigmática Dona Maria Alegre só aumentava: deve ser uma bruxa! É louca, perdeu o juízo! Isso que dá nunca ter tido filho! As crianças da rua quando iam comprar balinhas na mercearia de Margarida e tinham que passar na frente do casarão dos pombos, certificavam-se de correr o mais rápido possível para não correrem o risco de se depararem com a figura de Dona Maria Alegre.

Nesta atmosfera, se assentou a pacífica e simbiótica convivência entre Dona Maria Alegre e os pombos, que, dizem por aí, passaram a adquirir os costumes da região: falavam de política – um bando era do partido verde e o outro do partido azul –, saboreavam uma boa cachaça regional e, principalmente, amavam sua senhora.

...

Algumas primaveras se passaram e em uma de suas rápidas saídas à feira para

comprar a ração dos pombos, Dona Maria Alegre percebeu um murmurinho diferente entre seus conterrâneos. Era “você tá sabendo?” para cá, “você ouviu mesmo?” para lá, envoltos em afobamento e pressa. Nem Seu Tadeu apareceu naquela semana!

O comerciante vizinho que já estava estranhamente desmontando a barraca mais cedo que o normal, reconheceu Dona Maria alegre e presumindo que procurava pelo “portuga dos bichos”, interpelou a velha:

– Dona Maria Alegre, né? Se está procurando por Seu Tadeu, esqueça. Já faz dois dias que o homem não mostra nem as caras por aqui. É o que que a senhora tá precisando?

Surpresa que aquele estranho sabia seu nome, timidamente Dona Maria respondeu:

– É o alpiste dos pássaros...

– Além do Seu Tadeu, a senhora deve encontrar essa ração só na vendinha de Zenóbio, ali quase na BR, respondeu o simpático senhor, do qual Dona Maria Alegre esquece-se de perguntar o nome.

Por mais longe que fosse principalmente levando-se em consideração de que tudo em Patu era resolvido a pé, Dona Maria Alegre não poderia manter seus pombos em jejum, pobrezinhos. Percorreria qualquer distância para comprar o bendito alpiste.

Naquele dia, o sol erguia-se inclemente e, por alguma razão, nem a serra estava disposta a fazer a sombra de costume. Dona Maria Alegre, com as sapatilhas gastas pelo tempo, pôs-se em marcha até os limites do vilarejo.

Passou a igreja central, pela padaria de Margarida – estranho que não houvesse pães àquela hora –, e até pelo Dr. Francisco de Chicó rodeado por um pequeno punhado de gente. Ele tinha mania de se meter onde não era chamado, como se viciado fosse em ajudar os outros. Percebeu a tradicional fila de pessoas, as quais aguardavam sentar-se junto ao advogado, que, uma vez por semana, se disponibilizava a redigir cartas para os conterrâneos iletrados desejosos de comunicarem-se com parentes distantes: a filha que fugiu com o noivo, o tio que encontrou emprego na capital, a prima que precisava voltar logo à Patu para visitar a mãe que estava morrendo.

Francisco redigia as cartas com proeza e até prazer, sempre engatando boa

prosa com as pessoas e caçando as palavras mais bonitas para deixar até as notícias tristes mais macias aos ouvidos. Naquele dia, porém, o homem parecia agoniado, escrevia com incomum rapidez e não teve tempo para conversas fiadas. Também as pessoas da fila, olhavam os céus e o relógio de bolso. Todos pareciam correr contra o tempo.

Dona Maria que tudo notava, dessa vez, custou a identificar alguma informação concreta que explicasse tamanha inquietação na cidade. Apenas quando passou por um grupo de beatas, é que escutou Comadre Silvia desembuchar a história.

- Eu não sou de acreditar muito nos ciganos, mas, desta vez, minhas caras parecem que é verdade! Teve doutor da universidade da capital por essas bandas. Zé Garcia, aquele cigano da burrinha toda enfeitada, falou com convicção: Patu será varrida em um impiedoso vendaval!

Todas as mulheres se entreolharam com respeito e admiração, afinal, Comadre Silvia falou tão cheia de si que era impossível sobrar um pingão de dúvida. O futuro de Patu estava ao vento. Literalmente! Ainda em seu monólogo, Silvia continuou:

- Eu e Francisco já estamos nos preparando para passar uns tempos longe daqui. Ele está só ali terminando de escrever as cartas do pessoal, porque sabem como ele, é né? Não pode ver um pedido sincero que quer ajudar. Mas também... O povo tem direito de se despedir se algo acontecer.

Meu Deus, meus pombos! Foi o que pensou Dona Maria Alegre, que tão logo ficou ciente da profecia acelerou o passo e correu como se tivesse voltado aos 20 anos. Não teve saia longa que a fizesse tropeçar.

Chegou na vendinha de Zenóbio e comprou toda ração que podia, pois tempos calamitosos, exigem cautela e, principalmente, ação! E nossa obstinada protagonista não hesitaria em fazer o que fosse preciso para salvar seus bichos.

Com os braços tremendo do peso dos sacos de alpiste, abriu a porta de casa em supetão e pôs-se a recolher pequenos objetos que pudessem cair durante o vendável. O que não sabia era que os pombos, desde manhã, já ficaram sabendo da notícia. Seus ouvidos eram por demais apurados. Souberam, mais precisamente,

que o vendaval iria ocorrer às 16h pontualmente e sem que sua senhora desconfiasse, já tinham um plano de emergência.

Quando a ficha caiu de que talvez sua casa fosse destruída, seus pombos se evadissem e sua frágil existência terminasse, tal qual a dos seus pais, Dona Maria Alegre só conseguiu ficar paralisada no sofá. Pensou no que poderia ter sido. Arrependeu-se da amargura que se deixou criar por conta da tia. Lembrou-se da história que seus pais lhe contavam a respeito de seu nome:

- Maria Alegre, seu nome é assim, filha, porque você foi o único bebê que ao invés de chorar, só sabia rir. Quando tinha fome, quando estava com cólicas: ria. O riso era sua linguagem, seu modo de ser. Dona Maria Alegre, naquele momento, podia jurar que ouvia a voz da mãe.

Faltavam cinco minutos para o fatídico apocalipse nordestino, quando Dona Maria fazia tais reflexões e, pacientemente, aceitava seu fim. O que não previa é que, durante seus devaneios, os pombos tinham todos se dirigido ao telhado. Desta vez, pelo bem maior, os pombos do partido azul e do partido verde selaram uma trégua e com perspicácia jamais dantes vista, puseram-se a movimentar a casa.

Quando a poltrona começou a tremer, Dona Maria Alegre imaginou serem os primeiros sinais do vendaval, entretanto, ao fitar a janela, percebeu que os vizinhos se tornavam cada vez menores e acumulavam-se ao redor da casa. Por que não estavam todos correndo em desespero?

Na verdade, os vizinhos e depois, os amigos dos amigos dos vizinhos, as beatas, os padres, as prostitutas baratas e os pistoleiros de aluguel, boquiabertos e em comunhão, testemunhavam perplexamente a ascensão do casarão de Dona Maria aos céus. Os pombos, tendo fixado suas patinhas nas telhas, levaram à casa para cima da serra, que, depois de certo tempo, bastou por si mesma e manteve-se fluando nas nuvens.

A casa, antes uma imensa gaiola, libertou Dona Maria Alegre e seus pombos.

Ao cabo desta história, não houve o vendaval esperado e o anúncio dos ciganos revelou-se nada mais que um equívoco. Mas não é justo que desprezemos suas falhas profecias, pois antes, Dona Maria que não era por ninguém percebida, agora foi notada pela primeira vez por todos sem distinção, tendo, enfim, alçado sua tão desejada liberdade das agruras e mágoas, dos lutos e ausências. Assim, se sucedeu a triste e milagrosa história de Dona Maria Alegre que a serra me contou.